

Conceitos fundamentais da Psicanálise

Apresentação, leitura e comentários de Seminários e Textos de Jacques Lacan

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

14 - 17 de agosto de 2004

*Memória e transcrição de gravação*¹

Intervenção – [...]

A Repetição

Há gozo nessa repetição, estando essa mesma repetição numa posição de nunca ser a mesma, do mesmo modo, e de se encontrar vinculada à insistência de uma marca significativa.

Intervenção – [...]

Sim, é verdade, de fato há repetição do *fantasma* nas fantasias, inclusive torna-se conveniente uma distinção entre *fantasma* e fantasia.

Intervenção – [...]

Pois então, nós repetimos, sendo a vida, a nossa história, uma repetição com algumas variáveis, como na letra da música de Maria Rita, *repetindo, repetindo, repetindo..*

Intervenção – [...]

*O desejo como
herança –
um lugar da
repetição*

Isso, como um disco riscado. E essa repetição costuma ocorrer em determinadas situações na vida, quando uma relação transferencial se estabelece com muita intensidade: nas relações amorosas, no trabalho, no casamento, na religião, enfim, situações nas quais há fortes vínculos a partir de certos traços identificatórios. No casamento, por exemplo, situação em que há convergência de vários traços de identificação, traços de identificação de outros, traços recebidos como herança, transmitidos como desejos, é onde podemos observar haver maior incidência de repetições, quando as histórias, as

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos.

*Amor – suporte
virtual dos desejos
herdados*

de cada cônjuge e as de seu histórico, as de seus antepassados, ou seja, a sua história e a de, pelo menos, mais seis, pais e avós, confluem, deságuam nessa relação. O que chamamos amor é também e, sobretudo, o ponto ideal, virtual, para o qual convergem as tentativas de realização de desejos herdados. Esses desejos circulam nessas relações transferenciais buscando alguma forma de efetivação, de realização. Como tais desejos estão inscritos em cada sujeito submetido a tal relação, mas lhe são insabidos, não-sabidos, quando se estabelece uma relação de análise, quer dizer, uma situação que permita a análise desses desejos, denominamo-la *psicanalítica*. E está nessa relação, a relação analítica, a possibilidade de se operacionalizar um corte nessa repetição, através da simbolização dos significantes insistentes, permitindo seu deslizamento no encadeamento, na constelação de representações a que pertence. No começo, a insistência passa a ser mais freqüente, a repetição parece mais circular; após algum tempo o circuito dessa repetição parece dissipar-se, tornando-se menos freqüente, e o circuito, de início circular, torna-se elíptico. É como o circuito de um cometa que alonga seu percurso em cada volta que dá em torno do corpo celeste que o atrai.

*A relação
psicanalítica*

Intervenção – [...]

Sim, é uma outra imagem possível, a da espiral, formada por alguma variável introduzida no circuito.

Intervenção – [...]

Sujeto/sujet

Se considerarmos ser o tema o próprio sujeito, os temas se entrelaçam e não se esgotam. Não conseguiremos brincar com a palavra *sujeto* em nossa língua, como seria possível em francês, na qual *sujet* pode referir-se seja ao sujeito, seja ao tema, ao assunto. A idéia da hipérbole também é uma boa representação em nosso imaginário para essas aproximações, no sentido de que, por mais próximos que estejam dois pontos, eles nunca se tocam. A repetição busca um encontro que é sempre faltoso, *tüché* em grego, Τυχη.

Intervenção – [...]

Continuação da leitura na página 37: *O estatuto do inconsciente..*

Intervenção – [...]

A via do inconsciente *Em alguma parte esse inconsciente se mostra* através da hiância, poderíamos completar após o que já vimos a propósito.

Intervenção – [...]

Isso; *mostra-se* e escapa, havendo, em determinados momentos de nossa relação transferencial, um hiato por onde um outro dizer flui.

Intervenção – [...]

Talvez possamos pensar de outra forma essa relação que foi estabelecida entre inconsciente-consciente, na medida em que não podemos afirmar ser o inconsciente algo que se apreenda em outros níveis. Além disso, é uma concepção atada a uma noção de inconsciente como algo oculto a se revelar. Podemos circunscrever o fenômeno à fala, simplesmente, orbitando o próprio falar. Inconsciente nem é um termo que expresse bem o de que se trata, mas é um termo consagrado, ficando difícil encontrarmos outro que o substitua. O que, afinal de contas, Freud quis indicar com o termo alemão *unbewußt*? É um termo-conceito a exigir leitura contínua em busca de sua compreensão e tradução.

Das Unbewußte

Intervenção – [...]

O sujeito está falando um saber insabido. Saber insabido talvez possa traduzir melhor o que seja o *Das Unbewußte* empregado por Freud.

Intervenção – [...]

Sim, são os termos ingleses.

Intervenções – [...]

Traduzir tais termos, a partir de seu emprego inaugural por Freud, torna-se uma exigência contínua em qualquer tempo. Lacan tentou fazer a transposição do termo em alemão a partir de certas assonâncias entre as duas línguas, além de manter seu sentido original por meio de associações entre termos. *L'insu que sait de l'une bévue s'aïlle a mourre*, também de difícil tradução do francês para a nossa língua. Seguindo a sonoridade, poderia ser, por exemplo: *O insabido que sabe de um engano é o amor*, ou: *O insabido que sabe do inconsciente é o amor*, mas existem outras possibilidades: *O insabido que sabe de um engano se abriga na morra*

(o jogo da morra); *O insabido que sabe do engano se abriga na morra; O insabido que sabe de um engano se protege na morra; O insabido que sabe de um engano se argumenta na morra.* Insistindo em direção a mais possibilidades: *O insabido do espirituoso (ics) trai/desvela o jogo do amor. Não sabendo do saber inconsciente sou traído por minhas próprias palavras.* O termo morra, para *mourre*, refere-se a um jogo parecido com o nosso *porrinha*, mas também pode ser muito bem vertido para os termos amor e morrer. O termo de Freud *Das unbewusste* desliza para *une bévue* em assonância, no caso, com Bellevue, a casa onde veio a Freud o sonho *princeps* de sua Onirologia, *Die Traumdeutung* sendo que *bévue*, em francês, conforme empregado por Lacan, refere-se a erro cometido por ignorância ou inadvertência; equívoco, descuido. Enfim, aí está um exemplo, dentre muitos, do que se pode fazer com termos-conceito. O termo inconsciente tornou-se impróprio e há que se tentar aproximações quanto ao sentido original atribuído por Freud.

Intervenções – [...]

O *instante* –
uma categoria
temporal

No campo da filosofia há sobre isso, só para trazer nosso já conhecido autor Sören Kierkegaard, uma certa concepção quanto ao tempo, denominada, por ele, momento, instante. O *instante* enquanto categoria usada por ele, em contraposição à concepção de um *continuum* mediatizado na dialética hegeliana. No campo lingüístico, como tropologia, enquanto figura de linguagem, estaria mais próximo da metonímia. À metonímia competiria compor uma simultaneidade em termos de momento lógico, de instante, o relâmpago referido por Heráclito. Em termos de atemporalidade refere-se a uma invariável, inalterável, algo imutável.

Intervenções – [...]

Mais uma vez recorramos à nossa imaginação. Não sei se conhecem um novo modelo utilizado para se fazer palavras cruzadas. No modelo tradicional há a divisão do quadro geral em pequenos quadradinhos, indivisíveis, com certas divisões silábicas, para serem colocadas as letras que formaram as palavras propostas a partir de algum termo, por sinonímia, por conceito, por associação, enfim, de acordo com as variáveis existentes. Atualmente, existe um tipo que não apresenta as divisões silábicas, devendo ser colocadas as letras nos quadradinhos, formando palavras a partir somente dos

quadrinhos sem divisão do tamanho das palavras a serem formadas.

Intervenção – [...]

As *combinatórias*
na formação do
sujeito

Imaginem, então, essa possibilidade em termos inconscientes, à revelia do sujeito, formando-o, com letras, palavras, imagens, pensamentos. O sujeito está aí, como o quadro a ser preenchido, disponível às formações do inconsciente, a partir dos elementos nele previamente inscritos; as formações do inconsciente são combinatórias desses elementos.

Intervenção – [...]

A *estrutura na*
linguagem
inconsciente

Sim, *o inconsciente estruturado como uma linguagem*, ou seja, há estrutura nisso; aquilo que poderia ser considerado caótico, estaria contido no que Freud denominou por Isso, Id. Podemos nos indagar, a partir do Real de Lacan, se há aí uma des-ordem.

Continuação da leitura na página 37: *É certo que isto nos levou...*

Intervenção – [...]

A *Ética na*
Psicanálise

A Ética, para a Psicanálise, não está relacionada ao campo Moral da Filosofia. Ética, então, diz respeito ao desejo; desejo não se atém à moral. A Ética, no caso, está em relação ao desejo, ou seja, ao que quer o desejo, independente, alheio e, por vezes, em conflito com a moral, e sem nenhuma aplicação ou utilidade no campo da Moral.

Intervenção – [...]

Exatamente. Não há como se estabelecer Moral a partir dessa Ética. Não é normatizável, universalizável, mantendo sua singularidade enquanto referente a cada sujeito.

Intervenções – [...]

Sim, a Moral, então, é anti-Ética.

Continuação da leitura na página 37: *Fraud sabe...*

Intervenções – [...]

Édipo/Hamlet/

É conveniente, sobre isso, retornarmos à lembrança do quadro de Caravaggio, apresentado no Seminário *Os Nomes-do-Pai*. É uma cena terrível, na qual todo o horror se estampa na face,

Isaac e o desejo de morte

no olhar daquele filho, Isaac, no caso. Imaginemos a angústia daquela relação, naquele momento, Pai-Filho. Há uma sobredeterminação, uma Lei maior, aquém e além de ambos, que lhes determina a ação. Édipo, Hamlet, Isaac são filhos experimentando uma angústia de morte na relação com o pai. E nesse circuito de desejo de morte, quem, afinal, deseja matar quem? Quem realiza o desejo de quem? E o papel da mulher e mãe nesse circuito?

Intervenção – [...]

Sim, é verdade, a assim chamada psicose puerperal aí está como possibilidade de nos ensinar alguma coisa sobre isso.

Intervenções – [...]

Antígona – o desejo puro

Há o Seminário de Lacan sobre a Ética da Psicanálise, anterior a este que estudamos no momento, no qual ele aborda *Antígona*, de Sófocles, para falar sobre o desejo enquanto desejo puro. *Antígona* é o exemplo trazido por Lacan para analisar o que é desejo puro enquanto sendo desejo de morte. Às vezes ouvimos referência ao desejo puro como sendo ao que visa a Psicanálise. Não creio, pois seria visar à morte, ao gozo último, final. Há, desde os gregos, e com Freud, a contraposição da morte ao amor, à vida, representado por Eros. Vida-morte-morte-vida. Há, sim, o desejo de morte, não implicando afirmar um desejo puro de morte.

Intervenções – [...]

Ah, sim, claro! Ao contrário do que se possa pensar, a Ética da Psicanálise acaba trazendo muito mais responsabilidade moral para o sujeito analisado. Nenhuma análise autoriza o sujeito a transgredir a Lei. A transgressão ocorre na análise, no sentido de que *associação livre* quer dizer também um falar livre de toda e qualquer convenção social, seguindo tão somente o rumo A imposto pela articulação desejante.

Intervenções – [...]

Retorno do recalque é o mesmo que recalcado.

Intervenção – [...]

Mas, podemos nos perguntar, como fazer a transposição de todos esses termos, termos freudianos, para um campo lógico

*A formalização
lógica dos termos
freudianos*

proposto por ele por meio de tais termos? O recalque originário obedece a um tipo de lógica que, no campo do conhecimento, da epistemologia, está relacionado à suposição de uma causa. Um dos argumentos apresentados à Psicanálise pelos lógicos está justamente em indagar sobre uma causa, uma causa verificável, como o campo assim chamado científico requer. Na Psicanálise, com Lacan, há o assim nomeado **objeto a**, objeto causa do desejo como elemento de causação, relacionado ao *Urverdrängung* freudiano. No campo estritamente lingüístico, aplicado à Psicanálise, esse objeto a está no próprio sistema languageiro singular a cada sujeito, obedecendo a uma combinatória que, em termos simples, binários, se relaciona ao afirmado-negado como processo simultâneo. Então, voltando ao célebre artigo de Freud, *Die Verneinung* A Negativa, veremos que Freud propôs uma lógica da não-contradição do inconsciente, uma lógica de opostos sem formar contradição. Essa foi a grande sacada lógica de Freud. Então, além da condição atemporal, simultânea, como vimos, há a da não-contradição. Amor e ódio, por exemplo, transformam-se em *amoródio*

*Uverdrängung/obje-
to a*

*Die Verneinung/A
Negação*

Intervenção – [...]

*O método da
associação livre*

A associação livre não é livre, não está livre de sua determinação no sistema languageiro do sujeito. O próprio método de *associação livre*, adotado por Freud, pode ter sido resultado da influência de um texto escrito por um certo Ludwig Börne para servir como uma espécie de "manual" aos escritores, contendo a orientação de se escrever, primeiramente, tudo o que lhe ocorrer pensar. É o que é solicitado que se proceda numa situação de análise. O importante a se notar aí é que o que se diz está sempre muito bem articulado e concatenado independentemente da vontade do sujeito falante, estando sob registro em outro lugar, nesse lugar *recalcado* de que falávamos há pouco, para usar uma expressão clássica.

Intervenção – [...]

*A modalidade lógica
do inconsciente*

Ah, sim, se formos pensar numa certa modalidade lógica, a da contradição e não-contradição, encontraremos, por outra via, a da histeria, uma relação dessa lógica, a do inconsciente, com o saber mais do que com a verdade.

Intervenção – [...]

Há, sim, uma gramática própria ao inconsciente, do mesmo modo como há uma lógica que lhe diz respeito.

Intervenções – [...]

*Disjuntividade –
a inscrição lingüística
na história*

Não é demais considerarmos o fato de que qualquer discurso, em qualquer área, está subordinado à sua época. Então, de algum modo, todos os termos empregados por Freud estão circunscritos aos discursos predominantes em sua época, ainda que ele haja avançado e inaugurado um novo campo na Cultura. Bem, são, então, termos a serem metaforizados, senão poderemos correr o risco de considerar os mitos como fatos. Nesse sentido, a ciência está subordinada, enquanto discurso, aos termos relativos à sua formulação discursiva. Haverá um momento, futuro, em que o próprio Lacan será contestado em muitos dos seus termos. Compete-nos, enquanto isso, procurar a melhor tradução possível desses termos para nosso uso e para a universalização dos conceitos. *Catexia*, por exemplo, o que quer dizer isso? *Energia*. Estará o discurso sobre termodinâmica no mesmo patamar em que estava quando Freud a ela recorreu? Certamente não. *Recalque*, do mesmo modo, como entendê-lo? *Inconsciente*, como também já falamos. Todos os termos, sejam quais forem, estarão sempre circunscritos à sua época. Então, que leitura podemos fazer desses termos? Precisamos, claro, seguindo Freud e Lacan, seguindo os mesmos princípios e buscando novos termos, estar em consonância com os saberes de cada época. Trabalhamos com a palavra, a palavra falada, e, então, em se tratando da fala, recorreremos, por exemplo, à Lingüística, para lidar com o que é falado quando se fala; à Lógica, para lidarmos com a combinatória dessa fala; e à Topologia, para acompanharmos os lugares dessa fala. Em relação ao recalque, por exemplo, qual é sua lógica? Como ele se operacionaliza numa fala?

Intervenções – [...]

Sim, claro, podemos, então, indagar sobre que olhar é este que dirige o observador ao observável, estando, portanto, em jogo, toda a subjetividade do observador.

Intervenções – [...]